

## **Discursos e subjetividades: breve análise de enunciados do presidente do Brasil em tempos de pandemia**

Speeches and subjectivities: brief analysis of the statements of the President of Brazil in times of pandemic

Bianca Ayala Melo Di Alencar<sup>1</sup>  
UFG-RC/UFCAT em transição  
biancaayalamelo@gmail.com

Leonardo Guimarães de Assis<sup>2</sup>  
UFG-RC/UFCAT em transição  
leonardo.assis@aluno.ueg.br

Maurício Divino Nascimento Lima<sup>3</sup>  
UFG-RC/UFCAT em transição  
mauriciomdt@gmail.com

**RESUMO:** Esta pesquisa problematiza, no campo dos estudos discursivos, alguns enunciados do Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, sobre a pandemia, que foram veiculados na mídia, entre outubro de 2020 e janeiro de 2021. A presente proposta tem como objetivo geral fazer uma breve história do presente, com escopo na análise de enunciados de Jair Bolsonaro, no contexto pandêmico. Para tal, considerando, no fio da história, as relações de poder, saber e verdade, esta pesquisa se fundamenta nos estudos discursivos de matriz foucaultiana, e, portanto, tem como estratégia metodológica a arqueogenealogia. Os dados obtidos demonstram que as estratégias e táticas produzidas no e pelo discurso de Bolsonaro confrontam verdades científicas, e incidem diretamente nos processos de subjetivação de milhões de apoiadores desse governo.

**Palavras-chave:** Estudos discursivos; Arqueogenealogia; Subjetivação; Bolsonaro; Pandemia.

**ABSTRACT:** This paper problematizes, in the field of discursive studies, the statements of the President of Brazil, Jair Bolsonaro, about the pandemic, which were published in the media between October and January 2021. The main

---

<sup>1</sup> Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás-Regional Catalão. Graduada em Direito pela PUC Goiás. Analista de Gestão Governamental junto à Universidade Estadual de Goiás e coordenadora do Polo Associado do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) na UEG - Unidade Universitária de Caldas Novas.

<sup>2</sup> Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão. Especialista no Ensino da Língua Inglesa e Espanhola pela Universidade Cândido Mendes - UCAM-Prominas. Licenciado em Letras Inglês/Português e respectivas Literaturas pela Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Pires do Rio. Docente do Instituto Federal Goiano - Câmpus Urutaí.

<sup>3</sup> Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás. Especialista em Linguística pela Faculdade Apogeu/DF, licenciado em Letras - Português e Inglês pela Universidade Estadual de Goiás. Exerceu por quatro anos a função de coordenador pedagógico no Colégio Municipal Santa Terezinha, Corumbáiba, Goiás. Atualmente é professor de Língua Portuguesa e Língua Inglesa na mesma instituição, atuando nas áreas de Ensino de Línguas e Literatura.

purpose of this paper is to make a brief history of the present, with scope in the analysis of Jair Bolsonaro's speech, in the pandemic context. To this end, considering, in the thread of history, the relations of power, knowledge and truth, this research is based on discourse studies of a Foucaultian matrix and, therefore, has archaeogenealogy as a methodological strategy. The data obtained demonstrate that the strategies and tactics produced in and by Bolsonaro's speech confront scientific truths, and directly affect the process of subjectification of millions of supporters of that government.

**Keywords:** Discursive studies; Archeogenealogy; Subjectivation; Bolsonaro; Pandemic.

## Considerações iniciais

Tem sido destaque, nas imprensas nacional e internacional, a forma como presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, encara, em nosso País, a crise pandêmica global, provocada pela Covid-19. De negacionismo a *fake news*, a maior autoridade do poder executivo brasileiro tem protagonizado, no cenário mundial, vergonhoso espetáculo ante a pandemia, e, por isso, se tornou alvo de críticas por parte da imprensa, da oposição e, até mesmo, da base aliada do governo, como ocorreu com os ministros da saúde, Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich, então, ministros da saúde em períodos diferenciados.

Por meio de um estudo de práticas discursivas do presente, conforme nos orienta Foucault<sup>4</sup>, e, atendendo a uma urgência histórica, esta pesquisa problematiza, no campo dos estudos discursivos, enunciados do Presidente do Brasil, sobre a pandemia, ocasionada pelo vírus da Covid-19, proferidos entre outubro de 2020 e janeiro de 2021. Esses enunciados foram massivamente veiculados nas mais variadas mídias, por seu teor polêmico e por contrariar as autoridades sanitárias mundiais.

Para a realização deste estudo, recorreremos a um recorte de quatro enunciados, produzidos por Jair Bolsonaro, três deles veiculados pelo jornal *Folha de S. Paulo*, em sua versão digital, e outro publicado originalmente nas redes sociais do presidente, e reproduzido pelo portal de notícias *Uol*. Desses suportes, instauramos uma abertura no campo dos discursos políticos, a partir de quatro enunciados proferidos pelo ex-militar da reserva, dos quais o primeiro foi feito em suas redes sociais (*Twitter* e *Instagram*) e capturado por um *site* de notícias, e os demais foram declarações dadas à imprensa, a saber: a) “Tudo será esclarecido hoje. Tenha certeza, não compraremos vacina chinesa. Bom dia”; b) “Sempre disse que qualquer vacina, uma vez aprovada pela Anvisa, seria comprada pelo Governo Federal. No ano passado assinamos em dezembro uma medida provisória destinando um crédito de R\$ 20 bilhões para as vacinações e elas agora são uma realidade para nós”; c) “Da China não compraremos, é decisão minha. Eu não acredito que ela [vacina] transmita segurança suficiente para a população pela sua origem.”; d) “Até que pesem, muitos laudos [de morte por Covid] são forçados, dados como se Covid fossem. Na verdade, nós sabemos que não é. Mas vamos supor que todos os laudos fossem verdadeiros. O Brasil realmente cada vez mais morre menos gente por milhão de habitantes”.

---

<sup>4</sup> “Eu parto de um problema expresso nos termos correntes de hoje, e eu tento resolver sua genealogia. Genealogia significa que eu começo minha análise a partir de uma questão disposta no presente” (FOUCAULT, 1988, p. 262. Tradução nossa).

Nessa perspectiva, para compreender a constituição de Jair Bolsonaro enquanto sujeito discursivo, também recorreremos a enunciados reproduzidos por lideranças políticas ligadas ao presidente. Todavia, esses não compõem o *corpus* de análise, apenas servem para corroborar o posicionamento discursivo do sujeito em questão. Embora publicados, originalmente, em redes sociais, esses enunciados foram também veiculados pelos portais de notícias *GI* e *BBC News*.

Dito isso, a partir desses quatro recortes, esta proposta tem como objetivo geral fazer uma breve história do presente, a partir da análise do discurso de Jair Bolsonaro no contexto pandêmico. Como objetivos específicos, estabelecemos: a) analisar a constituição, formulação e circulação dos sentidos produzidos pelos enunciados de Jair Bolsonaro sobre a pandemia do novo coronavírus, com base nas condições históricas de possibilidade; b) descrever as materialidades, a partir das condições de sua emergência, sua inscrição histórica, e sua articulação com os jogos de saber, poder e verdade; e, por fim, c) analisar o funcionamento dos discursos de Bolsonaro, em tempos de pandemia, discutindo sobre de que forma esses discursos refletem nos processos de subjetivação de milhões de apoiadores.

Para atingir esses objetivos, operamos com as ferramentas da Análise do Discurso de orientação francesa, de matriz foucaultiana. Como estratégia metodológica, elegemos a arqueogenealogia, com ênfase no uso da noção de enunciado, visando a, dessa forma, chegar ao interdiscurso, no qual encontramos os sentidos que emergem das materialidades que selecionamos.

Por fim, cumpre dizer que este estudo compreende um movimento no sentido de atender às demandas frente aos acontecimentos discursivos que constituem nossa contemporaneidade, e, à luz dos estudos foucaultianos, encontramos meios para tal.

## **Descrição do objeto**

No dia 26 de janeiro de 2021 (terça-feira), o jornal *Folha de S. Paulo* publicou uma reportagem sobre o atual presidente do Brasil, cuja manchete foi: “Bolsonaro se vangloria de número de vacinados e agora defende imunização para ‘a economia funcionar’”. Abaixo, o lide trazia: “Depois de criticar imunizantes, presidente afirmou que ‘brevemente estaremos nos primeiros lugares [da vacinação no mundo], para dar mais conforto à população e segurança a todos’” (FOLHA DE S. PAULO, 2021, p. 1).

A reportagem, da qual fizemos o recorte desta pesquisa, foi veiculada doze dias após o Instituto Butantan entregar à Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) o último documento necessário para a validação do uso emergencial da vacina Coronavac em nosso país. A partir de então, o Butantan, cuja sede fica em São Paulo, passou a produzir, junto à farmacêutica chinesa Sinovac Biotech, as primeiras doses do imunizante.

O presidente brasileiro, desde o ano passado, vem criticando as vacinas, e, até mesmo, incentivou o uso de medicamentos como a hidroxicloroquina e a ivermectina, respectivamente, usados para prevenção e tratamento de malária e vermífugo. A esse respeito, vale ressaltar que mesmo a OMS (Organização Mundial da Saúde), que é a maior e mais respeitada agência de saúde do mundo, afirmando que esses medicamentos não possuem eficácia alguma contra a Covid-19, o presidente contrariou recomendações do Órgão, além de provocar e estimular aglomerações, bem como circular sem máscara (atitude contrária à recomendação da OMS) nos mais diferentes lugares.

A reportagem da *Folha de S. Paulo* também lembra que, em outubro do ano passado, o presidente afirmou que não compraria a vacina de origem chinesa; no entanto, após sofrer pressões da oposição, da mídia, da população e, até mesmo, do STJ (Supremo Tribunal Federal), após aprovação da Anvisa, comprou as vacinas e mudou o tom de seu discurso sobre a vacinação. É essa mudança de posicionamento que nos chama bastante atenção na reportagem. Associado a isso, ele apagou postagens de suas redes sociais em que a vacina de origem chinesa era criticada pelos internautas.

Na reportagem, observamos, na malha enunciativa, o discurso da preocupação com a saúde, atravessado pelo discurso da preocupação econômica, talvez para justificar discursos outros, veiculados por ele e pela base do governo, no sentido de que *lockdown* e medidas como a do auxílio emergencial trariam prejuízos à economia de mercado, da qual o presidente é exímio defensor.

De acordo com a matéria da *Folha*, até o dia 26/01/2021, com base nos dados do consórcio de imprensa (que, desde junho de 2020 atualiza, diariamente, os dados sobre o coronavírus no Brasil), 685.201 pessoas já haviam recebido a primeira dose da vacina contra a Covid-19. Adiante, a reportagem também destaca o histórico de manifestações contrárias de Bolsonaro em relação à vacina.

Nesse sentido, também, a respeito dessa postura avessa à vacina, no dia 21/10/2020, o portal de notícias *Uol* publicou uma reportagem em que divulgava afirmações do presidente desautorizando o então ministro da saúde Eduardo Pazuello sobre a compra do imunizante. Nessa mesma reportagem também é veiculado um diálogo de Bolsonaro com seguidores, no

qual ele ratifica que “o governo brasileiro comprará doses da CoronaVac” (UOL, 2020<sup>5</sup>). Após essa breve contextualização, partiremos, então, para a base teórico-metodológica em que este estudo se firma.

## **O caminho arqueogenealógico como estratégia para analisar discursos em tempos de pandemia**

Este trabalho filia-se à Análise do Discurso de orientação francesa. Nele, estarão, a serviço de nossas análises, os pressupostos teórico-metodológicos de Michel Foucault, que contribuem significativamente para os estudos discursivos. Com base nesse teórico, vamos operar com os conceitos de sujeito, discurso, enunciado, memória e subjetividade, levando em conta, no fio da história, as relações de poder, saber e verdade.

Michel Foucault, ao longo de toda sua trajetória epistemológica, teceu severas críticas sobre a história tradicional, argumentando que ela apresenta as narrativas de forma linear e homogênea. No entanto, segundo esse pensador, a história é, na realidade, descontínua, e a busca pelas rupturas e falhas, no contar dos fatos, permite ouvir outras vozes, problematizar verdades.

Para tal, por meio de Foucault (2012), percebemos, como estratégia metodológica, a arqueogenealogia, visando revolver terrenos históricos lineares e, assim, sacudir evidências, questionando o que está posto como verdade. Dessa forma, memórias<sup>6</sup>, discursos e documentos, que ficaram soterrados com o passar do tempo e que, por isso mesmo, ficaram esquecidos, serão contados sob um novo viés, denominado por ele de “nova história”.

Nessa direção, a arqueogenealogia funciona, pois, para abrir caminhos que levem ao que Pollak (1986) denomina de “memórias subterrâneas”. Essas memórias, silenciadas, anuladas, esquecidas, vilipendiadas, desprezadas, quase sempre, guardam os rastros de sujeitos, culturas e discursos considerados minoritários e marginalizados.

Na esteira de Foucault, uma das principais preocupações da arqueogenealogia é compreender os mecanismos que, no fio da história, possibilitaram a emergência de

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/10/21/bolsonaro-responde-a-criticas-sobre-vacina-chinesa-nao-sera-comprada.htm>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

<sup>6</sup> Nessa direção, parece oportuno aproveitar as noções de Pierre Nora (1981) que nos esclarecem que história e memória não são sinônimos. Segundo esse notável historiador, a memória possui um caráter orgânico, natural, ao passo que a história produz, controla e ressignifica a memória.

determinados saberes, em detrimento de outros. Por que alguns saberes se consagram historicamente, mantendo-se na superfície, ao passo que outros permanecem soterrados?

Ora, basicamente, devido às relações, aos jogos e aos interesses de poder, a história tradicional é escrita por um grupo privilegiado, portanto, com a voz desse grupo e para esse grupo. É nesse ponto que percebemos a memória em disputa, que compreende a relação conflituosa existente entre as chamadas "memórias oficiais" ou "nacionais" e as "memórias subterrâneas" ou "clandestinas" (POLLAK, 1986). Nessa perspectiva, determinadas memórias, discursos e acontecimentos são "esquecidos", isto é, anulados, não de forma aleatória, mas sim para atender aos jogos/interesses de poder.

Com base em Foucault (2014), podemos afirmar que o poder é constituído por um feixe de relações mais ou menos organizado, de forma que, em determinadas situações, torna-se claramente visível, como na relação médico *versus* paciente, Estado *versus* cidadão, pai *versus* filho; na contramão, há também as relações de poder que se instauram de forma muito sutil e, em função disso, exigem do analista maior atenção para que se perceba seus feixes de abrangência e de coerção/influência, de um ou mais indivíduos ou instituição, sobre outro(s), como ocorre em casos de violência psicológica, por exemplo.

Abrindo um parênteses nesse particular, em Foucault, poder, saber e verdade não devem ser considerados isoladamente, pois são conceitos que se imbricam. Poder e saber caminham juntos e implicam-se, sendo que o saber está relacionado a jogos de verdade e o poder a normatização, normalização e práticas disciplinares. Dessa relação, surgem efeitos na subjetividade.

Avançando um pouco mais, para orientar os trabalhos conduzidos sob uma perspectiva foucaultiana, temos que considerar três perguntas basilares, a saber: quem fala? De onde fala? E para quem fala? (FOUCAULT, 2012), em relação com “o que está autorizado a ser dito”, pois teoriza que “qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2014, p. 9). Essa última afirmação explica uma das interdições pelas quais o discurso conjura seus poderes. A partir dessas questões, o filósofo nos auxilia a refletir sobre o sujeito e o objeto em foco, bem como a nos situar o tempo e o espaço do dizer. Outra questão fundamental é: “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 2012, p. 33), ferramenta de análise integrante do rol de problematizações possíveis no suporte teórico arqueológico.

Munidos desses questionamentos, para chegarmos ao discurso, precisamos trabalhar com a materialidade, isto é, com o enunciado que se situa no paradoxo do “nem oculto, nem visível” (FOUCAULT, 2012, p. 137). É exatamente por isso que, para o uso do enunciado,

como ferramenta, precisamos empreender uma análise nos sentidos vertical e transversal, observando mais do que a materialidade desses enunciados, mas sua constituição, na história e nas redes, é que permitem sua reprodução, para que, assim, cheguemos ao interdiscurso. Em outras palavras, queremos dizer que a análise enunciativa não ocorre no fio do texto.

A esse respeito, nos interessa dizer que a Análise do Discurso rompe com a linguística da imanência, no que tange à ideia de sentido fixo, pronto e acabado, ou ainda, com a ideia de que o sentido se trata de um projeto de autor, o qual poderia ser, a qualquer momento, acessado nos dicionários. Entretanto, destacamos que, até mesmo, etimologicamente, a palavra discurso remonta à ideia de “mobilidade” e, por isso, buscar os sentidos que emergem dos nós que compõem os discursos (enunciados), apoiados em formações discursivas que “se movem”, exige reflexões mais profundas, uma vez que o sentido não é óbvio, nem material.

A série de signos, para ser aprendida enquanto enunciado, deve ser considerada sob alguns enfoques, quais sejam: a) função enunciativa e referencial; b) sujeito do enunciado; c) espaço colateral ou coexistência enunciativa; d) materialidade repetível. Dessa forma, até mesmo uma pintura pode ser tomada enquanto enunciado, como Foucault fez em *As palavras e as coisas*, ao analisar a pintura “As Meninas”, do espanhol Velásquez. Outro exemplo, um livro, dentro do qual há populações de enunciados, que podem ser organizadas a partir de eixos temáticos ou grupos, sendo que o enunciado não se exterioriza de forma isolada, ao contrário, ele encontra-se filiado a redes, ligando-se a outros enunciados, de modo que é possível observarmos regularidades possíveis de serem agrupadas. Assim, “o enunciado circula, serve, se esquia, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade” (FOUCAULT, 2012, p. 119). Isto é, não existe enunciado neutro, isolado. O enunciado distorce, ressignifica, nega outro(s) enunciado(s) que o precederam.

Por fim, cumpre dizer que, para existir, o enunciado precisa ser um produto efetivamente elaborado por um sujeito ou uma “instância produtora”; ter condições singulares de existência; ser plástico, o que lhe possibilita a repetição<sup>7</sup> em outras situações comunicativas (embora sua estrutura se repita, ele será sempre novo, único, devido à singularidade de existência em seu momento de irrupção); ter condições históricas de possibilidade específicas, tais como: um suporte, determinado momento histórico, uma prática etc.

Dito isso, doravante, abriremos a caixa de ferramentas para o “início” do trabalho.

---

<sup>7</sup> Segundo Foucault (2014, p. 121), “o enunciado tem a propriedade de poder ser repetido: mas sempre em condições estritas”.

### **Abrindo a caixa de ferramentas: análise dos enunciados**

Nesta seção, serão analisados os nossos quatro recortes, a partir dos conceitos e estratégias metodológicas já detalhados. Adiante, buscaremos atingir os objetivos a que este trabalho se propôs.

a) “Tudo será esclarecido hoje. Tenha certeza, não compraremos vacina chinesa. Bom dia” (UOL, 2020).

Tornou-se corriqueiro, na gestão de Bolsonaro, comunicados importantes, que deveriam ser transmitidos por veículos oficiais, serem repassados por meio das redes sociais do próprio presidente. Com o enunciado em análise, não foi diferente.

Procuremos analisar essa materialidade, na singularidade e estreiteza das condições históricas de possibilidade de sua emergência, enfocando que ela apresenta relação com outros enunciados, aos quais se vincula, no fio da história. No caso, a presente materialidade reafirma materialidade(s) anterior(es) do presidente, que confirmam a posição de o governo brasileiro não ser favorável à compra da vacina fabricada pela farmacêutica chinesa Sinovac. Nesse ponto, verificamos a particularidade do campo associado, que constitui o enunciado. A partir disso, a pergunta: “por que esse enunciado e não outro em seu lugar?” Ora, no nível discursivo, sinalizamos que ele, ante a situação pandêmica global e discursos outros, que também rejeitavam a vacina, possibilitou a confirmação de posicionamento adotado anteriormente por Bolsonaro.

Vamos separar o enunciado em apreço em duas partes; a primeira delas, “Tudo será esclarecido hoje”, revela que o governo estava sofrendo pressões, no sentido de oferecer justificativas à imprensa, à população, e, certamente, a partidos da oposição, o que pode também ser comprovado por meio de redes sociais e reportagens. Essa forma velada de agir remonta às memórias do período obscuro da Ditadura Militar, em que não havia transparência nas decisões dos presidentes.

Em relação à segunda parte do enunciado, “não compraremos a vacina chinesa”, sinalizamos esse posicionamento discursivo, ao qual o presidente e seu grupo, frequentemente, recorrem, no sentido de tentarem justificar a não confiabilidade da procedência da vacina, mesmo que essa tenha que passar pela aprovação da Anvisa, a agência sanitária brasileira.

Junto a esse posicionamento, nos recordamos das *fake news* veiculadas sobre o tema, dentre outras, afirmando que o vírus teria sido criado pelos cientistas chineses para diminuir a população mundial e implantar o comunismo. Em relação à suposta implantação do comunismo, chamamos atenção para o fato de que, durante a Ditadura Militar (1964-1985), esses “mesmos discursos” emergiram, e, agora, retornam, reatualizados, dada à plasticidade do enunciado, haja vista que Bolsonaro se alinha e demonstra, em várias materialidades, ser favorável ao Regime Militar. Esse conjunto de discursos sustenta e subjetiva expressivo número de apoiadores do atual presidente brasileiro.

Também trazemos, a esta discussão, os frequentes ataques, oriundos tanto de Bolsonaro quanto de seus filhos, por meio de redes sociais, afrontando o governo da China, sob a acusação daquele ser um país comunista, como se essa fosse uma argumentação plausível, que justificasse tais agressões, atrapalhando, inclusive, as relações comerciais entre o Brasil e aquele país.

O enunciado em análise é marcado por uma forma imperativa, portanto, fechada ao diálogo, mesmo tendo grande pressão popular da oposição para que o governo viabilizasse a compra das vacinas. Nesse sentido, chamamos atenção para a partícula “não”, o que corrobora as ideias expostas. Possivelmente, em função da pressão, podemos concluir que esse enunciado veio à tona, e não outro em seu lugar. É nessa direção que ele irrompe como acontecimento.

Avançando um pouco mais: quem fala? De onde fala? E para quem fala? (FOUCAULT, 2012). Jair Bolsonaro fala da posição-sujeito de presidente, isto é, a maior instância político-administrativa do executivo do país, ressalta-se, de um cargo político e público, do qual está investido, discursando para milhões de pessoas. Ao se posicionar assim, em suas redes sociais (vale ressaltar que, somente no *Instagram*, ele possui 18 milhões de seguidores; no *Twitter*, outra rede social que ele utiliza com recorrência, atinge um expressivo público de 6.686.160 seguidores), está subjetivando e reforçando discursos negacionistas e sem base científica, conforme podemos atestar nos comentários dos seguidores em suas páginas.

Dentro de um quadro de negacionismo, em que o presidente assume a voz, o que se verifica é que Bolsonaro, utilizando-se da sua autoridade, ou seja, da posição de poder, adentra áreas nas quais não possui um lugar de fala, nem saber especializado (científico) para dizer o que diz, como no sentido de assegurar que a hidroxicloroquina ou a ivermectina previnem Covid-19, contrariando, até mesmo, órgãos oficiais de saúde, como a OMS, e, por

muitas vezes, os próprios ministros da saúde, haja vista que houve grande troca de cadeiras durante sua gestão.

Nesse ponto, sinalizamos que, utilizando de seu poder político como presidente, Bolsonaro acaba por valer-se de uma vontade de verdade que entra em jogo quando da produção e circulação desses discursos negacionistas. São *fake news* como essas que refletem nos processos de subjetivação, produzidos nos e pelos discursos. Esses discursos, sem dúvidas, influenciaram no aumento de casos de infecção pelo vírus da Covid-19, no Brasil; o mesmo ocorreu nos EUA, onde o então presidente Donald Trump assumia posicionamento semelhante, o que levou aquele país, assim como o Brasil, ao topo do *ranking* de pessoas mais infectadas no mundo.

Passemos à próxima análise.

b) “Sempre disse que qualquer vacina, uma vez aprovada pela Anvisa, seria comprada pelo Governo Federal. No ano passado assinamos em dezembro uma medida provisória destinando um crédito de R\$ 20 bilhões para as vacinações e elas agora são uma realidade para nós” (FOLHA DE S. PAULO, 2021<sup>8</sup>).

Embora tenha questionado a eficácia da vacina contra a Covid-19, Bolsonaro modifica o seu tom e o seu posicionamento para se referir ao imunizante. No entanto, é importante considerarmos as condições históricas de possibilidade em que esse enunciado emergiu, isto é, em uma conferência com investidores. Ora, esse “pano de fundo”, expressão usada por Foucault (2012, p. 29) em sua *A arqueologia do saber*, em que se constitui o acontecimento discursivo, que viabilizou a emergência desse enunciado e não de outro em seu lugar, revela muito.

Ao usar a partícula “sempre”, Bolsonaro se contradiz e veicula uma inverdade, facilmente comprovada por inúmeros outros discursos, materializados em diferentes suportes. Em uma sociedade globalizada, em que os meios de comunicação e informação se expandem cada vez mais rápido, em que, em geral, o acesso à *internet* tem se expandido dia a dia, afirmar isso e, posteriormente negar, passa a ser controlado por um número cada vez maior de pessoas, propiciando contestação por parte de quem os ouve ou os lê, em decorrência do aspecto contraditório. Nessa direção, esse enunciado remete a outros de *fake news*, as quais se popularizaram durante este governo, até mesmo durante as campanhas eleitorais de 2018, práticas essas que produzem subjetividades, conduzem sujeitos.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/01/bolsonaro-se-vangloria-de-numero-de-vacinados-e-agora-defende-imunizacao-para-a-economia-funcionar.shtml>>. Acesso em: 26 jan. 2021.

Vejamos a sequência: “elas [as vacinas] agora são uma realidade pra nós”. Ora, essa posição-sujeito, assumida por Bolsonaro, produz um efeito de sentido de alívio, de algo que estava sendo esperado há muito tempo; no entanto, o efeito de sentido, produzido por essa materialidade, contradiz ditos que ele mesmo proferiu, servindo como estratégias de esquívamento, de realização de desejos e de atendimentos aos interesses nas/das lutas (FOUCAULT, 2012). Isto é, não existe enunciado neutro, isolado. Ao ser recuperado, liga-se a outros, ressignifica-os, nega-os, distorce-os, atualiza-os, e, até mesmo, provoca rupturas com os que lhe precederam, possibilitando o aparecimento de novos enunciados.

Nesse enunciado, percebemos a (re)atualização de ditos anteriormente veiculados pela imprensa falada e escrita, os quais se convergem e divergem, sobre o tema da vacina. A atualização de forma a valorizar a vacina, ganha um sentido mais otimista, pacífico, pois não é algo pelo que se tem que lutar, mas sim uma realidade. Essa atitude, sem dúvidas, exerce a função de modificar o cenário de constantes críticas e de dissidentes do grupo de apoiadores do presidente.

Passemos à próxima análise.

c) “Da China não compraremos, é decisão minha. Eu não acredito que ela [vacina] transmita segurança suficiente para a população pela sua origem” (FOLHA DE S. PAULO, 2021<sup>9</sup>).

Esse enunciado, em especial, pertence a uma dada regularidade discursiva, na qual agentes ligados ao governo brasileiro se posicionam de forma até preconceituosa em relação à China. Como uma publicação, em rede social, do então ministro da educação, Abraham Weintraub, com insinuações de que a China provocou a crise mundial, com o novo coronavírus, para fortalecer sua própria economia, além de insultos à língua do país<sup>10</sup>. Ou ainda, uma publicação do deputado e filho do presidente, Eduardo Bolsonaro, na qual afirma que o governo brasileiro apoia uma aliança global para *internet* 5G, sem espionagem da China<sup>11</sup>, além de outras publicações nas quais responsabiliza o Partido Comunista Chinês pela pandemia que o mundo começara a enfrentar<sup>12</sup>. Após esses acontecimentos, se tornou regular publicações de apoiadores com o enunciado “vírus chinês”.

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/01/bolsonaro-se-vangloria-de-numero-de-vacinados-e-agora-defende-imunizacao-para-a-economia-funcionar.shtml>>. Acesso em: 26 jan. 2021.

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/06/weintraub-publica-post-com-insinuacoes-contr-a-china-depois-apaga-embaixada-repudia.ghtml>>. Acesso em: 28 jan. 2021.

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/24/embaixada-da-china-repudia-postagem-que-eduardo-bolsonaro-publicou-e-depois-apagou.ghtml>>. Acesso em: 28 jan. 2021.

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51963251>>. Acesso em: 28 jan. 2021.

Desse modo, fica perceptível a produção de uma cadeia de enunciados na qual sujeitos, com um determinado lugar na ordem do discurso, ou seja, uma figura pública ligada ao governo brasileiro, tomasse uma posição avessa à China. Assim, o discurso anticomunista torna-se, também, antipandemia, uma vez que, sendo o país asiático tratado como o responsável pela pandemia, de lá só é possível vir a doença, não a cura.

Por meio da arqueogenealogia de Michel Foucault, é possível questionar qual é o percurso discursivo que faz com que sujeitos se posicionem de maneira a dar identidades a vacinas e doenças. Por que esse discurso xenófobo aparece repetidas vezes, e não outro em seu lugar? De acordo com Foucault (2012, p. 63):

As posições do sujeito se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos: ele é sujeito que questiona, segundo uma certa grade de interrogações explícitas ou não, e que ouve, segundo um certo programa de informação; é sujeito que observa, segundo um quadro de traços característicos, e que anota, segundo um tipo descritivo; está situado a uma distância perceptiva ótica cujos limites demarcam a parcela de informação pertinente (FOUCAULT, 2012, p. 63).

Nessa perspectiva, é possível compreender que a linha discursiva na qual caminha o governo Jair Bolsonaro elegeu o “comunismo” como o inimigo. Assim sendo, é dado a esse inimigo as responsabilidades por certas mazelas em seu governo. E, nesse contexto, são reproduzidos os enunciados como de Weintraub e Eduardo Bolsonaro, os quais dão à China o *status* de grande vilã da pandemia. Logo, seguindo essa regularidade discursiva, encontra-se o enunciado dito pelo presidente “Eu não acredito que ela [vacina] transmita segurança suficiente para a população pela sua origem”. Por que a vacina não é segura? Por causa de sua origem? Qual origem? Não é qualquer origem, não é de uma vacina britânica e estadunidense, é de uma vacina chinesa que se fala. Como se pode confiar em uma vacina cujo país de onde ela vem recebe a identidade de vilão responsável pela pandemia?

Embora o país asiático seja grande aliado comercial do Brasil, há, no governo brasileiro, um discurso fortemente amparado em uma rede de enunciados, em que a China aparece, com frequência, como o “vilão a ser combatido”. Assim sendo, nota-se que, para sujeitos inscritos como favoráveis à posição-sujeito de Jair Bolsonaro, posicionar-se a favor da ciência corresponde ao mesmo que resistir aos ditos do presidente, ou, até mesmo, a favor da China.

d) “Até que pesem, muitos laudos [de morte por Covid] são forçados, dados como se Covid fossem. Na verdade, nós sabemos que não é. Mas vamos supor que todos os laudos fossem

verdadeiros. O Brasil realmente cada vez mais morre menos gente por milhão de habitantes” (FOLHA DE S. PAULO, 2021<sup>13</sup>).

Para melhor empreender a análise desses ditos, essa sequência enunciativa será dividida em dois momentos, um, no que diz respeito à sua verdade, em particular, e outro sobre a verdade oriunda das estatísticas, como utilização de um recurso estratégico para imprimir veracidade ao que lhe antecedeu.

Ao afirmar que “muitos laudos são forçados” e “Na verdade, nós sabemos que não é”, o Presidente da República, de uma só vez, como se estivesse em franca guerra com a Ciência, dispara munição contra os profissionais da Saúde, como reafirma sua posição-sujeito de único detentor da verdade e do acontecimento das coisas.

Nas lições de Michel Foucault, aprendemos que a emergência dos ditos não é aleatória, e que eles estão povoados de sentidos, recuperando o que já foi dito e propiciando o aparecimento de outros; por isso, o corte de verbas, para custeio de experimentos na área da saúde e ciência, guarda relação com esse dito acerca do conteúdo da causa das mortes.

Quando se afirma que a população não morreu em decorrência da Pandemia, mas porque morreria de qualquer forma, o sentido de seus ditos exercerá um funcionamento na vida e subjetividade das pessoas, levando-as a dar pouca importância para a gravidade da situação e, estrategicamente, reafirmando que a Economia precisa respirar.

A fim de validar sua verdade, pois coloca em questão a verdade dos laudos, vale-se de um dado estatístico geral, de que a população brasileira tem morrido menos, quando o parâmetro é a comparação por milhão de habitantes. A utilização desse dado não é aleatória, e funciona como atestado das verdades ditas por ele anteriormente.

## **Considerações finais**

Após as análises empreendidas, verificamos uma elucidação de saberes e práticas, uma vez que analisamos a constituição, formulação e circulação dos sentidos produzidos pelos enunciados de Jair Bolsonaro, no contexto da pandemia, provocada pelo vírus Sars-cov-2; verificamos as condições político e histórico-discursivas que possibilitaram a emergência desses enunciados e concluímos que suas articulações de saber, poder e verdade funcionam como estratégias nem um pouco condizentes com a responsabilidade que se espera de um

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/01/bolsonaro-se-vangloria-de-numero-de-vacinados-e-agora-defende-imunizacao-para-a-economia-funcionar.shtml>>. Acesso em: 26 jan. 2021.

gestor do executivo federal, que tem como dever/poder velar pelo cumprimento da Constituição brasileira. Nesse caso, em particular, de administrar a crise de disseminação pandêmica de um vírus infectocontagioso, com alto índice de mortalidade e complicações decorrentes de sua (re)infecção.

Posto isso, concluímos que os ditos do presidente do Brasil remetem a discursos de ordem impositiva, similares ao de sua posição-sujeito, inscrita nas forças armadas, uma vez que tais estratégias produzem subjetividades em franco alinhamento com a ideia de que a Economia não deve sofrer abalos. Esse jogo de poder influi em ações articuladas de uma vontade de saber, que imprime um *status* de violência ao exercício de liderança pelo presidente, sendo que, longe de propiciar o exercício de liberdades, com vistas à preservação da vida, ele violenta-as, influenciando o aumento de casos de infecção pelo vírus da Covid-19, minando a capacidade da população de resistir ao contágio, ao ignorarem o perigo, atirando-se à morte, crendo que o fazem por deliberada vontade.

Ao considerar que o isolamento social poderia impactar negativamente a economia, o presidente brasileiro refutou e foi na contramão das recomendações dos principais órgãos sanitários nacionais e internacionais. Dito de outro modo, ao assumir esse comportamento, o presidente tentou lançar uma cortina de fumaça na grave situação pandêmica, estimulando, assim, o fim dos *lockdowns* com vistas a reabrir o comércio, a indústria e demais atividades econômicas. Ora, essas incitações têm como viés uma ação violenta, e não propriamente a noção de relação de poder, teorizada pelo filósofo francês. Nesse sentido, as subjetividades que não se insurgiram ou não resistiram aos seus “comandos”, contribuíram para o desastroso cenário de morte, em massa, o qual soma 444.094 até a data de finalização deste artigo (20 de maio de 2021), conforme dados do Ministério da Saúde.

Dito isso, por meio da análise discursiva dos enunciados do presidente, podemos ratificar que eles contribuíram grandemente para um cenário de morte, contrapondo-se ao que se espera de um líder inscrito em tal lugar; espera-se de um presidente da República a administração no mínimo responsável de uma crise, e não a reprodução de enunciados que conduzem seus cidadãos ao exercício de práticas segundo à lógica da necropolítica, conceito que trata da política de morte (MBEMBE, 2019), o qual não se esgota nas práticas aqui delineadas.

## Referências

COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do discurso político**: derivas da fala pública. Tradução Nilton Milanez e Carlos Piovezan Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

FELLET, João. 'Vírus chinês': como Brasil se inseriu em disputa geopolítica entre EUA e China sobre pandemia. **BBC News**, 19 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51963251>>. Acesso em: 28 jan. 2021.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 28. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2014.

FOUCAULT, Michel. The Concern for Truth. In: KRITZMAN, L. D. (ed.). **Politics, philosophy, culture**: interviews and other writings 1977-1984. New York: Routledge, 1988.

FOLHA DE S. PAULO. Bolsonaro se vangloria de número de vacinados e agora defende imunização para a economia funcionar. **Folha de S. Paulo**, 26 de janeiro de 2021. Disponível em: <[www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/01/bolsonaro-se-vangloria-de-numero-de-vacinados-e-agora-defende-imunizacao-para-a-economia-funcionar.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/01/bolsonaro-se-vangloria-de-numero-de-vacinados-e-agora-defende-imunizacao-para-a-economia-funcionar.shtml)>. Acesso em: 26 jan. 2021.

GOMES, Pedro Henrique. Embaixada da China repudia postagem que Eduardo Bolsonaro publicou e depois apagou. **G1**, 24 de novembro de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/24/embaixada-da-china-repudia-postagem-que-eduardo-bolsonaro-publicou-e-depois-apagou.ghtml>>. Acesso em: 28 jan. 2021.

G1. Weintraub publica insinuações contra a China, depois apaga; embaixada cobra retratação. **G1**, 06 de abril de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/06/weintraub-publica-post-com-insinuacoes-contra-a-china-depois-apaga-embaixada-repudia.ghtml>>. Acesso em: 28 jan. 2021.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise (org.). **Filigranas do discurso**: as vozes da história. Araraquara: FCL/Laboratório Editorial/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução Renata Santini. São Paulo, *n-1* edições, 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus Brasil**. 2021. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 20 maio 2021.

NAVARRO, Pedro (org.). **Estudos do texto e do discurso**: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006.

NORA, Pierre. **Projeto história**. São Paulo: EDUC – Editora da PUC-SP, 1981.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1986. Disponível em: <[http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf)>. Acesso em: 7 jan. 2021.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. Dispositivo: um aporte metodológico para o estudo do discurso. In: SOUSA, K. M.; PAIXÃO, H. P. **Dispositivos de poder/saber em Michel Foucault**: biopolítica, corpo e subjetividade. São Paulo: Intermeios, 2015.

SOUSA, Kátia Menezes. A noção de enunciado de Michel Foucault: onde dizer é produzir inovação. **Revista da Anpoll**, Brasília, DF, v. 1, n. 34, p. 123-157, 2013. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/684>>. Acesso em: 7 jan. 2021. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i34.684>

VEYNE, Paul. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 13-65.

UOL. Bolsonaro desautoriza acordo de Pazuello e diz que não comprará CoronaVac. **Uol**, 21 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/10/21/bolsonaro-responde-a-criticas-sobre-vacina-chinesa-nao-sera-comprada.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

Recebido em: 1 de fevereiro de 2021

Aceito em: 24 de maio de 2021